
SESSÕES DO PLENÁRIO

7ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 09 de abril de 2010.

PRESIDENTE: DEP. FÁTIMA NUNES *AD HOC*

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em comemoração ao Dia Mundial da Água, que na verdade é no dia 22 de março, mas por conta da agenda da Casa, conseguimos esta data para hoje.

Hoje, a água veio do céu, das nuvens, em toda a Bahia e, portanto, Salvador, a nossa capital, está bastante inundada neste momento. Alguns companheiros e companheiras que estão na estrada encontram dificuldade, pois está cheia de água, com pistas destruídas, portanto, estamos com um número menor de pessoas em relação aos demais anos na sessão do Dia da Água.

Nossas autoridades convocadas para o debate já estão presentes aqui conosco, vamos então iniciar a nossa sessão, cujo tema é Água Limpa Para Um Mundo Saudável.

A cada ano, temos feito a proposição desta sessão especial e agora passo a fazer a composição da Mesa.

Convido, para fazer parte da nossa Mesa, o presidente da Embasa, Dr. Abelardo de Oliveira Filho, que está conosco aqui desde cedo e sei que tem muitas atividades porque hoje é um dia de muito trabalho. Muito obrigada pela sua presença; convido também o assessor da Diretoria de Operações da Cerb, Dr. Alfredo da Silva Pinto, representando o diretor-presidente, Bento Ribeiro Filho; a Sr^a Sônia Santana do Nascimento, gestora governamental da Secretaria de Ciência e Tecnologia, representando o Sr. Secretário Feliciano Tavares Monteiro; a Sr^a Bióloga do Instituto do Meio Ambiente – IMA, a Dr^a Livia Castelo Branco, representando o diretor geral, Pedro Moreira; o Sr. Diretor Geral Interino do Ingá, Wanderley Matos, representando o secretário do Meio Ambiente, Eugênio Spengler; o Sr. Capitão de Corveta, chefe do Departamento de Administração do Comando do 2º Distrito Naval, Leonardo Figueiredo Correia, representando o vice-almirante Arnon Lima Barbosa; o Sr. Major Machado, representando o comandante geral da Polícia Militar, Coronel Nilton Mascarenhas. (Palmas)

Agradeço imensamente a presença de todos e de todas. É do conhecimento de todos nós de que sem água não há vida e, portanto, em cada sessão especial, em cada momento em que pensamos na água, pensamos como um líquido precioso, que nos garante a vida e deve ser acessível a todas as populações, é um direito, está na lei.

Além de garantir esse acesso, precisamos também preservar, cuidar, não desperdiçar e sabemos que isso é uma responsabilidade de todos, seja do poder público,

através das suas diversas instituições, como também da sociedade civil, através das suas diversas organizações.

Para falar deste assunto, nada mais importante do que ouvirmos as autoridades que comandam, em nosso Estado, o programa Água Para Todos. Sabemos da grandeza do nosso governador por ter se preocupado, e muito, com essa tema, inclusive com as populações do Semiárido, criando o projeto Bacia do Tucano, quando tivemos, ontem, a assinatura da ordem de serviço e hoje aqui estamos para conhecer, mais ainda, os programas que existem e cada vez mais nos somarmos a esses cuidados de preservação.

Inicialmente, vamos assistir à apresentação de um DVD que o Ingá produziu e trouxe para nós nesta sessão especial.

(Apresentação de vídeo.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero convidar para fazer parte da Mesa a Capitã Anaditália, representando o Coronel Heitor Bezerra Leite, da Escola de Administração do Exército e do Colégio Militar de Salvador. (Palmas)

Concedo a palavra ao Dr. Abelardo de Oliveira Filho, presidente da Embasa.

O Sr. ABELARDO DE OLIVEIRA FILHO:- Bom-dia a todas e a todos presentes. Quero saudar a nossa deputada Fátima Nunes, parabenizá-la por esta sessão. Infelizmente, as águas terminaram por contribuir por certo esvaziamento, mas é assim: a natureza é sábia e poderosa. O homem trabalha na perspectiva de destruí-la, e ela dá, normalmente, o retorno, e, às vezes, o retorno vem com calamidades, exatamente por conta da má utilização, principalmente do uso e ocupação do solo urbano.

Quero cumprimentar todos os meus companheiros do governo, os representantes dos nossos comandos da Polícia Militar, do Exército, Aeronáutica e o nosso representante da Polícia Civil e todos os presentes, os representantes dos movimentos sociais, e dizer o seguinte: acho que é muito importante que a Assembleia Legislativa possa trabalhar na perspectiva da conscientização do uso racional da água. O governo da Bahia tem tido uma preocupação desde o início, e o governador Jaques Wagner criou o Programa Água para Todos. É um programa que visa, fundamentalmente, atender a população excluída, não apenas com abastecimento de água mas também com serviços de esgotamento sanitário e outras ações ambientais. O governador costuma dizer “para termos água para todos temos que ter água para sempre”. Para ter água para sempre é preciso que todos nós cuidemos das nossas águas. E o governo está buscando fazer a sua parte construindo sistemas de esgotamento sanitário, programas de educação ambiental... O Ingá, por ser o programa que monitora os órgãos todos que fazem parte do programa Água para Todos, de uma forma inédita, conseguiu juntar várias secretarias: a Secretária do Meio Ambiente, a Secretária de Desenvolvimento Urbano, a Secretária de Integração Regional, a Secretaria de Combate à Fome, os órgãos executores como Embasa, Cerb, Conder, Ingá, IMA, enfim, isso é uma questão realmente muito importante, no sentido de definirmos ou redefinirmos exatamente qual o papel de cada órgão, porque às vezes essa questão é confundida pela própria população. Por exemplo, o Ingá, que é o responsável pela gestão e gerenciamento dos recursos hídricos, às vezes é confundido com os serviços de abastecimento de água que é de responsabilidade da Embasa. Então, é importante que todos nós poder público, parlamentares, e sociedade tenhamos a responsabilidade de evitar que os nossos mananciais sejam contaminados, poluídos, para que possamos garantir um ambiente

saudável para as gerações atuais e futuras.

Queria falar, rapidamente, minha companheira deputada, desse grande programa de R\$ 3 bilhões, que já chegou a 400 dos 417 municípios baianos. A Embasa é o seu principal executor, e estamos hoje com obras em andamento no valor de R\$ 2,6 bilhões; são 343 obras em 262 municípios, já que a Embasa não atende a todas as cidades do Estado – ela está presente em 356.

E já há um resultado fantástico. E observem que não estou citando as ações da Cerb, com perfurações de poços e construção de sistemas simplificados, e da CAR, que constrói as cisternas, estou considerando apenas aquelas pessoas que têm acesso à água canalizada. Ou seja, aquelas que abrem a torneira em casa e têm acesso à água.

Então, atendemos nesses três anos a quase 1,5 milhão de pessoas. Geralmente pessoas excluídas, pois uma parcela considerável dessa população é do Semiárido baiano. Todos sabem que dois terços da população do nosso Estado vivem no Semiárido, e esse programa surgiu da própria indignação do governador Jaques Wagner, tendo em vista que ele, ao chegar no governo, constatou que apenas 30% da população rural deste Estado tinham acesso à água de qualidade. E olhe que estamos falando da maior população rural do País, tanto em termos relativos quanto absolutos, já que quase 5 milhões de baianos vivem na zona rural.

Imaginar que essas pessoas não tenham acesso à água de qualidade é, realmente, desconsiderar a própria cidadania. Sem água, não podemos considerar que o cidadão esteja exercendo na plenitude a sua cidadania.

Então, como falei, atendemos a quase 1,5 milhão de pessoas com água. E também atendemos a mais de 800 mil pessoas com esgotamento sanitário. E isso também é um dado novo, pois quando assumimos a Embasa apenas 45 municípios operados pela empresa tinham sistemas de esgotamento sanitário. Agora estamos com 90 obras de sistemas de esgotamento sanitário em diversos municípios de pequeno e médio porte.

Às vezes a população não percebe a realização desses sistemas de esgotamento sanitário. Por exemplo: quem sabe aqui que o novo emissário do Rio Vermelho já está praticamente pronto e o governador vai inaugurar no mês de maio? Esse emissário passou embaixo da Av. Jorge Amado, com um processo não destrutivo, por isso ninguém percebeu.

E queria aproveitar a presença de todos vocês para chamar a atenção sobre a importância desses sistemas de esgotamento sanitário. Eles impactam decisivamente na qualidade de vida e na saúde pública. E temos hoje problemas seriíssimos, pois o poder público investe, coloca a rede coletora de esgoto, mas, às vezes, a população resiste a interligar os seus esgotos.

Queria dizer a todos vocês que é um problema de saúde pública quando passa a rede nas portas das pessoas e elas não interligam os seus esgotos. Criam dificuldades porque realmente dá trabalho, tendo em vista que vão ter, às vezes, de cortar a casa inteira para coletar o esgoto. Mas isso é um problema que vai impactar decisivamente na saúde delas.

Temos dados oficiais demonstrando que 65% das internações hospitalares das crianças de zero até seis anos, da falta de saneamento, da falta de uma água de qualidade, de um esgoto a céu aberto, das pessoas que jogam os lixos que vão parar

nos mananciais, isso é importante também, costume falar que a responsabilidade também é nossa enquanto sociedade civil, e o poder público tem a sua responsabilidade.

O governador Wagner está quebrando esse paradigma ao fazer obra de esgotamento sanitário, que em várias cidades do interior está causando um transtorno muito grande porque temos que cortar a rua no sentido longitudinal e no sentido transversal para atender às várias residências, e as pessoas às vezes não entendem. Chegam na rua e não conseguem entrar com o seu carro, não conseguem sair com seu carro da garagem porque escavou a vala, choveu e complicou, e você não consegue recompor devidamente. Então normalmente além de a população não perceber quando estamos executando, causa um transtorno muito grande.

O presidente Lula costumava dizer – fui Secretário de Saneamento Ambiental nos primeiros quatro anos do governo – que políticos não gostam de fazer obras de esgotamento sanitário porque não poderia colocar o nome do pai, da mãe ou do irmão, ficaria complicado: “Estação coletora...”, “Estação de Tratamento de Esgoto Fulano de Tal...”. “Ninguém gosta. Acho que realmente o nosso governador está quebrando esse paradigma, nós estamos construindo hoje 90 sistemas de esgotamento sanitário, e Salvador, após a conclusão do emissário, após a conclusão da ampliação de novas bacias... Quem passou na Paralela há tempos percebeu que foi instalada ali uma tubulação de grande porte, e estamos fazendo ali três bacias: Trobogy, Cambunas e Águas Claras.

Às vezes a população confunde um sistema de esgotamento sanitário com um sistema de drenagem urbana, porque a rede de coleta de esgoto é uma rede de diâmetro pequeno, a rede de escoamento das águas pluviais é um diâmetro grande, e o que tem acontecido é que, como Salvador é uma cidade muito difícil – hoje, segundo o Crea, 70% das nossas habitações são inadequadas –, as pessoas por falta de opção constroem nas encostas, ocupam as áreas ambientais e normalmente nessas áreas não há um sistema de drenagem urbana.

Então acontece que quando chove alaga a rede de esgoto e a população desavisadamente vai lá e retira o tampão do poço de visita achando que a água vai escoar. Vai acontecer o contrário: a água de chuva vai carregar lixo, vai entupir a rede de esgoto e não vai escoar a água, ao contrário, vai voltar a água da chuva com o lixo e a água de esgoto para a casa das pessoas. Então, às vezes, não conseguimos instalar a rede porque os bequinhos são muito estreitos ou os locais são completamente inadequados para instalar essas redes.

Teve um fato engraçado. Outro dia ouvi numa rádio um cidadão reclamando: “Ah! Porque a Embasa colocou a rede embaixo da minha casa”. Imaginem se se vai suspender a casa para colocar a rede embaixo! Na realidade, ele construiu a sua casa em cima da rede de esgoto da Embasa, e aí qualquer problema que tem com a rede o esgoto invade a casa das pessoas.

Esse realmente é um processo que com convivem as grandes cidades, vocês viram os exemplos de São Paulo e Rio de Janeiro, as cidades, as metrópoles não estão preparadas, principalmente porque não temos hoje um programa adequado de manejo das chamadas águas pluviais urbanas. E, aí, quando chove, é esse horror, alagam-se todas as ruas, o lixo entope as galerias.

Nas vezes em que andei pelo Brasil afora fazendo palestras, eu tinha umas fotos que mostravam a importância de a população não jogar lixo nas ruas. Por exemplo, um viaduto estava completamente tomado por garrafas *pet*, daí, a água se represa e invade as ruas.

Para não me alongar muito, eu também quero pedir desculpas, não gosto de fazer isso, mas vou ter que sair, porque tenho outro compromisso, então, para concluir, eu queria dizer que a Embasa hoje é uma outra empresa. Por ser o principal instrumento de execução de uma política pública includente, nós estamos levando água hoje para zonas rurais também. Antes, não havia viabilidade econômica, a Embasa não fazia extensão de rede.

Nós já fizemos, deputada, mais de 700 extensões de rede para atender a pequenas comunidades. Às vezes, 20 quilômetros de rede para atender a 10, 20, 30 famílias, e isso não era feito pela Embasa. Agora, um dado interessante que queria deixar registrado: recebemos a Embasa com 3 milhões em caixa e devendo 30 milhões. Quem viu o balanço da Embasa de 2009, e buscamos dar transparência total, às vezes, a letra é pequenininha, mas vocês podem observar que estão lá todas as informações, nós atingimos, em 2009, o melhor resultado da história da Embasa.

Foram 436 milhões de investimentos, levando água para a população que tem pouca condição de pagar e, às vezes, tivemos que implantar a tarifa social, que custa R\$6,70. E a população reclama: Mas é cara a água. Não, a água é muito barata! O valor de R\$6,70 não dá para pagar duas cervejas, não dá para comprar 5 garrafinhas de meio litro de água.

Uma outra questão é o esgoto. Ah, nós pagamos 80%. Eu queria dizer aos senhores que, se fôssemos cobrar pelo custo, iríamos cobrar 120%, até 140%, porque é muito mais caro fazer sistema de esgoto, dar manutenção a rede de esgoto que a de água, até porque, constantemente, as redes se entopem, porque a população joga lixo, quando chove, carrega o lixo para a rede de esgoto. Então, a Embasa, nesses três anos, conseguiu dois bilhões e 600 milhões de reais, dos quais 1 bilhão e 100 milhões de financiamento. A Embasa não tinha capacidade de tomar um centavo até 2006. O financiamento veio da Caixa Econômica Federal, com o dinheiro do FGTS, que foi criado exatamente para fazer ações de habitação e de saneamento, do BNDES e de outro programa, que é o Fundo de Amparo ao Trabalhador, o FAT. É um dinheiro que vamos pagar, mas estamos investindo muito seriamente.

Aqui em Salvador, pegamos a cidade com 67% de cobertura, hoje, está com 83%, e a nossa meta é chegar a 90%, o que vai transformar Salvador, em 2011, 2012, numa das primeiras capitais do Brasil em maior índice de coleta e tratamento de esgoto.

Tudo isso dentro desse programa fantástico e maravilhoso, que eu costumo dizer, não pela quantidade de recursos, porque São Paulo e Minas Gerais têm mais recursos que nós, também a população é maior, mas pela sua abrangência, por ter chegado praticamente a mais de 90% dos municípios do Estado da Bahia, podemos considerar que é o maior programa de água e saneamento do país que está sendo, hoje, executado pelos órgãos do governo do Estado, e em função da própria prioridade que o governador Wagner tem dado para essa que é uma área fundamental para a qualidade de vida das pessoas, é uma área em que essas obras, para que vocês tenham ideia, nós, até a sua conclusão, teremos gerado 75 mil empregos diretos. Então, hoje a construção

civil está batendo recorde de contratações, não apenas com as obras de saneamento básico, mas principalmente com as obras do programa Minha Casa, Minha Vida, que aqui na Bahia recebe o nome de Casa da Gente, que também é um outro programa de grande prioridade do nosso governador.

Então, para não me alongar mais, quero agradecer à deputada Fátima Nunes, dizer do prazer e da alegria de estar aqui para comemorar o Dia Mundial da Água e que a própria ONU considerou que essa é a década mundial da água, porque precisamos trabalhar muito essa questão.

Um dado até interessante, para concluir, dados da PINAD, que é a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio de 2008, comparados com 2006, nós crescemos, estou falando só de água canalizada, as pessoas que recebem água na rede, não estou considerando cisternas, chafariz, outras formas de abastecimento, crescemos, com abastecimento de água no global, considerando a população urbana e rural, 20%. Na zona rural, deputada, crescemos, em dois anos, estou comparando 2008 com 2006, 45%. Na parte de esgotamento sanitário crescemos, aproximadamente, 19% no global e mais de 50%, que são dados irrefutáveis e que estão aí para quem quiser observar.

Certamente, quando sair a nova Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, relativa a 2009, vamos perceber um crescimento ainda maior do que esses dados, mostrando, efetivamente, de que esse é um programa prioritário do nosso governador.

Então, quero mais uma vez, agradecer, obrigado a todos vocês, e pedir novamente desculpas, porque vou ter que me ausentar.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Dr. Abelardo, nós já sabíamos que, no dia de hoje, o senhor estaria com muitas atividades e agradecemos imensamente por dispensar esse tempo conosco para nos encher das informações e, certamente, aqueles que estão ali, e hora e por hora também fazem umas cartinhas lá cobrando mais algumas coisas. Mas é assim mesmo, a gente faz uma parte e sempre tem mais algo pra fazer.

Quero chamar para fazer uso da palavra o Dr. Alfredo da Silva Pinto, que está representando o diretor da Cerb, Dr. Bento Ribeiro Filho.

O Sr. ALFREDO DA SILVA PINTO:- Bom-dia a todos.

Quero cumprimentar a nossa deputada Fátima Nunes, componentes da Mesa, todos que estão presentes, sei que fizeram um grande esforço para chegar aqui, hoje, para ouvir falar justamente de água, que está caindo em todo canto, mas a água é muito importante.

Estou aqui em nome do Dr. Bento Ribeiro, presidente da Cerb. Agradecer ao convite que lhe foi feito, só que ele, por também motivos de trabalho, não teve como comparecer e aí pediu-me que viesse para representá-lo. Minha função, na Cerb, hoje sou assessor da presidência, mas sou geólogo. Entrei na Cerb em 1975 e, de lá pra cá, sempre trabalhei com água, sempre fazendo, nesse interior nosso, carente que todos vocês sabem como é.

Vou fazer alguns comentários a respeito da Cerb. A Cerb é uma empresa que foi

fundada em 1972, e de lá pra cá tem sido, realmente, um dos órgãos mais importantes em todos os governos do Estado que já passaram, justamente por tratar da água, porque a água é a base da vida, o ser humano pode viver sem estrada, sem a luz, mas não pode viver sem a água. Então, a água é aquele ponto básico, inicial, e tem que estar disponível não só em quantidade, mas também em qualidade, porque sabemos que a água é um dos meios mais fáceis de trazer doenças e problemas.

Assim, a Cerb trabalha buscando essa quantidade e qualidade de água, muito embora nós saibamos que 65% do nosso Estado está numa região sem água, muito carente; uma região onde as águas subterrâneas em grande parte não são boas, não são potáveis para o consumo humano.

Por conta disso também a Cerb foi buscar tecnologia, como dessalinizadores e assim aproveitar esses poços, porque sabemos que existem regiões onde quase não existe água, principalmente quando a seca bate, e aquele pocinho que está ali é que realmente salva a situação de todo mundo. Justamente por isso que é importante esse trabalho da Cerb, um trabalho formiguinha, porque a Cerb não é como a Embasa, a Embasa atua na zona rural, mas atua nas sedes municipais, em grandes aglomerados urbanos, e a Cerb não, a Cerb vai lá no fundo, vai buscar água em locais onde até existem poucas pessoas, mas está lá naquele lugarzinho bem distante, trabalho formiguinha, mas de uma importância extraordinária para o abastecimento dos moradores da zona rural e, principalmente, para manter as pessoas no campo, porque se não dermos água para esse pessoal eles vão buscar água em algum lugar, provavelmente na cidade mais próxima.

Então, a Cerb é uma empresa de importância muito grande nessa área.

Quero agradecer a atenção de vocês e, mais uma vez, agradecer o convite que foi feito ao Dr. Bento, na Cerb.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Dr. Alfredo.

Passamos a palavra à Dr^a Lívia Selvenburg, bióloga do IMA. Tem uma apresentação do data-show. Fique à vontade, Dr^a Lívia e bom trabalho.

A Sr^a LÍVIA SELVENBURG:- Bom-dia a todos, bom-dia, deputada Fátima Nunes. Agradeço o convite, e com essa minha apresentação quero congratular a todos que estão na Mesa, porque falar da água é algo muito importante.

Eu trouxe uma apresentação, talvez pelo meu cunho de professora e técnica quis trazer para vocês algumas das nossas vivências. Eu sou uma técnica do IMA, há 27 anos militando com a água e quero trazer um pouco dessa minha motivação e desse meu respeito pela água, nesse momento.

Peço a vocês um pouco de compreensão sobre os dados. Vou correr, para não cansá-los muito, e também explicar o papel do IMA, que é o Instituto do Meio Ambiente do Estado, com relação à sua competência na água, já que nos temos o Instituto do Ingá, que é o órgão responsável pela água também; como é que nós estamos trabalhando, qual é o nosso papel dentro do Estado junto ao Ingá.

(apresentando data-show).

Eu poderia falar da água de vários jeitos: falar da parte físico-química dela, falar da parte sociológica, geográfica, geopolítica, ecológica; da parte capitalista da água, porque se é cobrado por ela; da parte teológica, o respeito, a purificação, o aspecto religioso da água. A água induz todo esse papel, por isso é que nós temos esse conflito por ela, os vários usuários. Então, quando nós falamos na parte capitalista é como a indústria, a irrigação que hoje é responsável por 70% do consumo da água, está utilizando essa água; como é que é a parte urbana, a população.

Então, esse conflito sobre a água tem-nos trazido esse problema de lutar por ela, dessa escassez da água. Temos dois grandes problemas hoje: a escassez e a falta de qualidade da água.

Esse quadro que estamos apresentando representa a água no mundo. Estamos até confortáveis com relação à quantidade de água, mas será que estamos realmente sabendo tratá-la? No Brasil, é sabido que a Amazônia detém a maior parte da água... Apesar de na Amazônia haver mais água, temos menos gente. E onde temos menos água, temos mais gente, como no Nordeste. Então, a relação oferta e demanda está sendo conflitante.

Hoje estamos comemorando o Dia Mundial da Água, que seria no dia 22. Em 2005, ficou estabelecido que seria a Década da Água. Então, até 2015, temos que tentar reverter esse quadro. Há um sinal de alerta para todos nós. Há um problema geral de oferta e demanda e há um problema geral de gestão. Como é que estamos fazendo a gestão dessa água? O que está acontecendo? Temos quase 40% da população mundial com escassez de água. O sinal de alerta é o de que o esgoto de hoje pode ser a nossa água de amanhã se não tivermos cuidado nessa gestão. Talvez vocês pensem que é um alerta de terrorismo, mas anunciamos o que está acontecendo aí como ambientalista. Anunciamos para que vocês, os planejadores, os urbanistas, tenham cuidado quando implantarem suas ocupações, tenham cuidado para esclarecer à população sobre as ocupações irregulares.

O que estamos fazendo com a água? Represando-a. Ela tem que ir para algum lugar. O ditado antigo diz que “todo rio corre para o mar”. Estamos deixando os rios irem para o mar? Não. Então, o que vemos hoje, o que vimos em São Paulo e no Rio é que não estamos deixando a água seguir seu curso. Não é verdade?

Temos um saneamento insuficiente. Há 92 milhões de pessoas sem acesso à água potável. Graças a Deus que o Governo do Estado está com esse programa, aumentando o acesso à água. Temos também 2 bilhões de pessoas sem infraestrutura de saneamento. Isso está-nos levando a que 3 milhões de crianças morram a cada ano. O semiárido está sem água para beber. Graças a Deus, estamos neste momento ouvindo as palavras de Abelardo, ouvindo o representante da Cerb, chamando a atenção de que esse problema pode ser revertido com esses programas.

Seca, enchentes e poluição. Este é o quadro. E é nesse quadro que o IMA vai atuar. Com essa poluição, com essa seca, muitos rios já não chegam mais às marés, 20% das espécies de peixe de água doce são eliminadas, estão ameaçadas. Então, como é que está a qualidade dessa água que nos está sendo ofertada? Quando temos escassez da água, como está a qualidade dessa pouca quantidade que nos está sendo ofertada? O presidente Abelardo falou aqui que mais ou menos 60% das mortes e internações hospitalares são em função da falta de água ou da má qualidade dela. Já temos um

quadro de 70%.

Portanto, temos dois tipos de complicações sobre as colunas de poluição e escassez. Não é só a poluição que traz problema, mas a escassez também. Temos as doenças transmitidas pelas águas, como cólera, febre tifoide, leptospirose e outras mais. E doença também pela falta de limpeza da água. Temos uma série de doenças na pele, conjuntivite, que traz internações hospitalares. Então, a água não causa problema só pela falta de qualidade, mas também pela sua escassez.

Como fica o IMA nisso tudo? Temos o Instituto do Meio Ambiente, que é o órgão executor da política estadual de meio ambiente. Ele está lá no Monte Serrat. Costumamos dizer que atravessamos o purgatório para chegar àquela maravilha que é o CRA porque levamos daqui para lá quase 1 hora e meia com esse engarrafamento que tem aí. Temos hoje 2 lanchas, 1 trailer, 350 funcionários para atender um contingente que é o Estado da Bahia todo.

Então, temos um plantão de emergência, licenciamento e temos a diretoria da qual faço parte que é de fiscalização e monitoramento. A competência dessa coordenação é fazer com que fiscalizemos todos os recursos ambientais do Estado da Bahia, monitore as águas costeiras, as praias, as baías, os estuários onde estão os manguezais e elaboremos as avaliações ambientais, tanto da qualidade da água, do ar, do solo, porque indiretamente esses recursos estão todos juntos. Somos um todo.

Exemplos das atuações do CRA. Com a criação do Ingá que é responsável, hoje, pelas águas fica a confusão: onde fica o papel do IMA e onde fica o papel do Ingá. Nós, hoje, do IMA somos responsáveis por atender situações de emergência.

No Estado Bahia, 2 órgãos têm poder de polícia. Antigamente era só o IMA que o possuía. O IMA tinha o poder de embargar, notificar, multar. Agora, o Ingá tem esse poder com relação às águas. Nós não, nós ampliamos mais.

Então nas situações de emergência, quando acontece mortandade de peixes, maré vermelha, acidente ambiental, vazamento de qualquer produto químico, temos esse poder de polícia. É nosso papel fiscalizar, monitorar, ou seja, avaliar a qualidade não só da água, mas do solo e do ar também. A grande quantidade de poluição do ar que temos, vai para a água também.

Temos, por exemplo, nas praias de Salvador, nas águas costeiras, 30 pontos de lançamentos que monitoramos. Desses pontos, somente as praias da Penha e Periperi estão impróprias. Graças à implantação do sistema de esgotamento sanitário, com a retirada de 300 pontos de lançamento de esgoto da rede nas praias, hoje, só temos essas 2 praias que ainda estão em condição imprópria.

Também ampliamos o quadro. Hoje, temos mais ou menos 170 redes no Extremo Sul e em todas as praias do Litoral Norte e Litoral Sul e fazemos o monitoramento da qualidade dessas praias.

Com a nova resolução da Lei Ambiental de 2008 e do Ingá de 2009, temos uma competência conjunta. O Ingá e o IMA trabalham juntos na gestão da água. Então tudo o que acontece relacionado a água é o Ingá e o IMA. O monitoramento e o enquadramento da qualidade da água hoje, ou seja, dar à água o uso prioritário, o uso que lhe é pertinente, é uma relação, uma competência do Ingá com o IMA. Temos que trabalhar juntos. Como é que, quem faz a legislação do meio ambiente não tem que trabalhar com quem opera com a água? Então esse é o grande desafio.

Foi lançado no dia 22 de março um livro sobre a qualidade dos rios urbanos de Salvador. Então, juntamos o Ingá, a Embasa, a Conder, o IMA e fizemos um estudo dos rios urbanos. E a situação dos rios de Salvador não é diferente dos rios urbanos das outras cidades, porque os nossos rios urbanos são hoje coletores de esgoto, de resíduos sólidos. As nossas matas são queimadas ou desmatadas o que faz com que ocorra um assoreamento muito grande e os rios não têm para onde ir.

O mais interessante nesse artigo, que está sendo publicado, é porque ele chama atenção para o papel que cumprem os nossos rios hoje. Qual é a responsabilidade que nós temos sobre os nossos rios? Nós, todos juntos, os poderes públicos, privados, a sociedade civil, que papel queremos para os nossos rios?

Outra pergunta se fez nesse estudo, principalmente, além do papel que cumprem os nossos rios é de quem é a responsabilidade por isso? Será que é só o Ingá, será que é só o IMA, será que é só a Sedur, será que é a Embasa? Nesse instante, o presidente Abelardo comentou um fato muito interessante sobre o valor da tarifa de água. Mas pensamos que a água sai da torneira, não sabemos que a água que estamos bebendo vem de quase 200 quilômetros de distância. E o custo que é trazer aquela água de qualidade, que está lá em Pedra do Cavalo, até nós, é grande, como também o custo de tratar essa água para chegar a nossa torneira. Por que isso? Porque nós não temos junto de nós uma água de qualidade. Os nossos rios que temos perto aqui são condutores de esgoto e de lixo. Então, a quem compete isso?

Nós, nesse artigo, fazemos uma proposta, mas não é uma proposta nova. Talvez o novo, seja a motivação que estamos tendo com essa iniciativa, deputada, de vocês, de nos juntarem, de que essa motivação não seja só uma questão partidária, não seja apenas uma questão de governo, mas seja uma questão de Estado porque a natureza está nos cobrando. A natureza está nos ensinando que devemos trabalhar juntos. Não se pode planejar a cidade só pensando na malha viária, sem pensar no código florestal, num plano de desenvolvimento urbano, em como o tráfego chegará até lá, só pensar nos espaços urbanos. Nós temos que pensar nos rios que estão aí, nos rios que serão assoreados, nas nascentes que serão assoreadas, na pavimentação que está aí e que não deixa a água escorrer, ela fica represada e vai sair em algum lugar.

Não podemos pensar no espaço urbano sem falar em drenagem urbana. Nós fomos fazer uma fiscalização de água, na época do esgotamento sanitário do Bahia Azul, lá em Coutos. Quando chegamos lá, a moradora tinha implantado a sua casa em cima de uma fonte jorrante, uma fonte de uma nascente. Nós entramos em contato e ela disse: doutora, eu só poderia fazer a minha casa nesse lugar, só tive dinheiro para comprar esse terreno, eu não tenho onde morar e ninguém me disse que aqui era uma nascente. Então, hoje ela deve estar sofrendo muito porque deve estar minando lá. Sobre essa desinformação da população com relação a isso, é muito importante, então, que trabalhemos isso.

Quero terminar aqui a minha fala, para não me alongar, dizendo que nós temos um grande desafio que é a mudança de paradigmas desse desenho urbano que os planejadores e arquitetos urbanos, ao pensarem na cidade, tenham que pensar desse jeito, com a legislação de recursos hídricos, com a legislação ambiental, legislação da drenagem, do saneamento e que tenhamos que pensar também sobre essa mudança de hábitos. Pensarmos da nossa corresponsabilidade com o gasto de água, com a

reutilização da água. A nossa conta de água sai alta e também a do esgoto porque nós gastamos muito com a água, com a nossa cor-responsabilidade com o lixo. Não podemos trabalhar sozinhos.

E quanto a esta mudança de hábito... Fala-se muito em 3S, 4S e 5S hoje. Fala-se muito em 2R, 3R e 4R. E, aí, eu computo o meu viés de professora. Há um R muito importante que é o R de reeducar. Se a gente não se reeducar, se a gente não levar isso para a sala de aula, para dentro de casa, trazer para os políticos esta responsabilidade e não pensar nesta gestão de oferta e demanda da água, a gente não vai conseguir isso. Então, talvez seja este o grande desafio.

Termino a minha fala voltando à água: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Talvez seja assim. Isso demora muito. É uma questão de mudança cultural e isso demora. Não é de uma hora para outra, mas, quem sabe, a gente chega lá.

Então, eu queria agradecer a vocês a atenção e dizer que nós estamos lá para a parceria e que esperamos que esta mudança de hábito aconteça de uma forma mais rápida.

Muito obrigada pela atenção (Palmas).

A Sr^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Dr^a Livia, pela sua contribuição.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Antes de passar a palavra para o próximo orador inscrito, eu queria registrar a presença do deputado Zé Neto, a presença dos representantes do Planeta Água, uma organização que trabalha em Dias D'Ávila, da associação Acata, dos representantes do MSTs que em breve terão casas boas e bonitas e já vão pensando em como cuidar bem da água e do esgotamento sanitário (muitas palmas), do movimento Mussurunga e também dos agentes comunitário que, certamente, dão uma grande contribuição em seu trabalho com as famílias, cuidando da saúde mas não dispensando este item importante que é a água.

Muito obrigada a todos e a todas por suas presenças.

Passo a palavra ao deputado Zé Neto. Posteriormente, teremos mais dois oradores. Confesso que não iremos alongar demais, pois estamos preocupados e preocupadas com a água que cai nos caminhos de volta para a casa de vocês.

Com a palavra o deputado Zé Neto.

O Sr. ZÉ NETO:- Bom-dia a todos e a todas. É um prazer estar com vocês. Em nome da deputada Fátima Nunes, quero saudar a Mesa. Eu estava em meu gabinete e não poderia deixar de vir aqui hoje, pois temos um dia complicado com muita coisa acontecendo de ontem para cá, principalmente em Feira. Nós temos hoje uma dificuldade. Estou agora fazendo alguns contatos com relação ao atendimento da defesa civil. Nós temos uma morte no dia de ontem, por causa das chuvas. Há muitos alagamentos em nossa cidade.

E, como em todo o Brasil, infelizmente a gente vive muitas dificuldades com relação às encostas, ao manuseio inadequado também de nossos potenciais hídricos. A água é a vida. Mas quando a água chega com a chuva encontramos, evidentemente, situações de risco, e isto termina por nos trazer preocupações, dificuldades e temor.

Então, eu estou aqui para dar um abraço em minha companheira, esta deputada

a quem aprendi a respeitar muito como deputada guerreira, sertaneja e que aqui faz a diferença como mulher combativa por sua região, que é a nossa amiga Fátima Nunes.

Quero dizer que fui presidente dois anos seguidos da Comissão de Meio Ambiente. Foram quatro anos de trabalhos efetivos e ainda hoje sou membro da Comissão. Sou presidente da Comissão de Justiça. Portanto, não tenho mais a condição de fazer as atividades que tinha antes como presidente da comissão e como membro da atual, quando não era presidente da Comissão de Justiça, mas confesso a todas e todos que estão aqui: eu sinto falta do trabalho na Comissão de Meio Ambiente. É uma missão tão extraordinária que nos leva principalmente a uma responsabilidade: primeiro, para com a humanidade – nós estamos construindo coisas que não veremos – ,isso é uma coisa que está em minha cabeça. Enquanto alguns pensam em destruir o que não vai se ver, o que é mais fácil, nós, que temos a consciência do meio ambiente, temos de estar construindo o que não vai se ver.

Vejam, muitas coisas que acontecem veem no plano mais lento e acabam não tendo a impactação que deveriam ter para que fosse um enfrentamento mais frontal, e ele é mais contemporâneo, mais em nosso tempo.

E uma das coisas que nas discussões do meio ambiente trouxe muita atenção foi a questão da água. Mais de 70% de todas as doenças do ser humano estão relacionadas a água: água que se bebe, que se banha, que se lava a fruta, que passa na rua. Enfim, hoje, se formos analisar, em cidades como Salvador o índice é até maior, pois quando a água vem também nós não percebemos a importância de a conduzir adequadamente, e vamos encontrar dificuldades até maiores do que os 70%. Então, 70% do que existe, hoje, de doenças estão relacionadas a água.

O nosso governador Jaques Wagner, inclusive, tem uma frase extraordinária: “Temos o Água para Todos, já levamos água potável a mais de 2 milhões de baianos.” Para muitos isso não é importante, porque estão aqui, na cidade, e estão nos seus gabinetes, nos seus arredores confortáveis e não sabem o que é, por exemplo, uma criança, como eu vi em Buritirama, num distrito a 70km da sede, que para chegar tive que andar quase 4 horas de carro numa estrada de chão.

Quando cheguei lá, uma menina de nome Amanda, de 4 anos, ficou sempre olhando para mim. Eu falando lá, no distrito, é aquela coisa, um deputado num lugarejo pequeno, as pessoas esperando, todos arrumados. Depois, quando terminei, peguei a mão dela e perguntei a seu pai: “Qual é o sonho de Amanda?” Ele respondeu: “Amanda tem muitos sonhos: estudar, comer melhor e tomar banho todo dia. Tomar banho que preste, porque para dar banho nela tem que ser com latinha d'água, tem que jogar água no cabelo para passar o xampu, porque se usar sabonete ele não espuma, porque a água é muito salgada.” E isso, na cabeça da gente, tem que soar como um desafio.

Imaginem que a água que eles bebem é da chuva. Guardam a água e os vizinhos vão passando de um para o outro, nem fervem essa água. Isso mostra claramente que temos um grande desafio para levar água ao interior. Temos o Água para Todos, e o governador fala sempre que não adianta água para todos, tem que ser água para sempre, cuidando dos mananciais, cuidando da viabilidade de uma política que nos dê condição de ter água tratada, bem acomodada nos moldes da sua estabilidade.

E o dia de hoje, sendo lembrado aqui, na Casa, pela deputada Fátima Nunes, até pela frequência, deputada, vemos que é um tema que muito mais nos é missionário. É

um tema que se estivéssemos aqui discutindo processo licitatório e recursos para grandes projetos, tenho certeza que isso aqui estava que não haveria onde colocar gente, porque é algo de poderio econômico essas questões que passam por dentro da política, da visibilidade ótica, do que se vê, mais do que as construções que precisam ser mais adotadas por nós todos, políticos.

Quero parabenizar a deputada Fátima Nunes pelo dia, pela lembrança, e dizer que cada cabeça é um mundo, mas quando a cabeça está ligada no mundo, cada cabeça salva o mundo.

Valeu, deputada Fátima Nunes. E a todos que compareceram, um grande abraço, e que a gente também ore para que a água caia pouco hoje, aqui, em Salvador, mas que não nos falte água nunca. Temos muita abundância de água, mas a luta continua em cada rincão, em cada comunidade, com os agentes comunitários...

Aliás, quero convidar os agentes comunitários para o dia 15, já fica, aqui, o convite à minha amiga Fátima Nunes. Vamos fazer aqui uma grande Plenária com os agentes comunitários da Bahia em peso para discutir salários e questões relacionadas a plano de carreira. Atualmente, estamos com um trabalho de habitação sendo formulado para eles, porque eles mesmos são o exemplo mais claro de que a cada R\$ 1,00 investido em atenção básica de saúde, em prevenção, temos R\$ 6,00 de economia lá na ponta, no atendimento de urgência e emergência.

Então, a cada dia fica mais claro que a precaução, a luta e a disciplina da gente vão muito nesse sentido.

Então, fica, aqui, meu abraço, meu convite e a minha alegria de poder ter participado disto com vocês. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Muito obrigada, deputado Zé Neto.

Quero também registrar as presenças da Pastoral Rural da Diocese de Paulo Afonso, estou vendo ali o nosso companheiro Romário; da Associação Regional de Convivência com o Semiárido, estou vendo ali o nosso companheiro Renato, e da escola Família Agrícola, também da região de Ribeira do Pombal, que tem aqui dois representantes. Não decorei o nome deles ainda, mas certamente é a juventude presente conosco.

Vou passar a palavra ao major Machado, representando o comandante geral da Polícia Militar, coronel Nilton Mascarenhas.

O Sr. MAJOR MACHADO:- Bom-dia a todos. Por causa da exiguidade de tempo, deputada Fátima Nunes, gostaria, em nome do comandante geral da Polícia Militar, coronel Nilton Mascarenhas, de cumprimentar toda essa seleta Mesa, cumprimentado-a. Trago o abraço dele à senhora, que é uma amiga da Polícia Militar.

Meus senhores e minhas senhoras, na verdade, eu comando a Companhia de Polícia de Proteção Ambiental. Quero dizer, deputada, que para nossa felicidade, de janeiro do ano passado até a presente data, realizamos educação ambiental para mais de 11 mil pessoas do nosso Estado. Nós da Polícia Militar, seguindo a orientação do governo do Estado, entendemos que a maior arma que dispomos é a educação ambiental. De nada adiantará o poder de polícia que temos, se não realizarmos a educação ambiental.

Por esta razão, nós da Polícia Militar estamos agradecidos por estarmos aqui, num evento de tamanha importância. Seria necessário que mais pessoas estivessem presentes para tratar de uma causa tão importante como a do meio ambiente e da água, que faz parte inevitavelmente dele.

Mas também temos de dizer que, infelizmente, de janeiro do ano passado para cá – no mesmo período em que nos alegramos por fazer a educação de mais de 11 mil pessoas em escolas públicas e particulares, universidades, etc. – fizemos a prisão de mais de 170 pessoas em nosso Estado. Por elas ainda não terem despertado para a importância da água, tivemos de efetuar uma ação que não é do nosso agrado. Mas, maior do que o interesses de pessoas, é o interesse da coletividade. E disso não podemos abrir mão.

Quero mais uma vez, em nome do comandante geral da Polícia Militar, agradecer a oportunidade. E também quero dizer que toda a sociedade conte conosco, porque não abriremos mão de termos o meio ambiente preservado para garantir o meio ambiente para a presente e as futuras gerações.

Bom-dia a todos. Continuem contando conosco, porque o coletivo é que nos interessa. Muito obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Obrigada, major Machado, agradecemos imensamente a sua contribuição.

Ao longo do nosso trabalho, o material produzido pela Embasa, pela Cerb e pela Polícia Ambiental será colocado à disposição para que nós, que defendemos esta causa como prioridade de vida, possamos levar aos ambientes em que trabalhamos, às escolas, associações, comunidades, etc.

Sabemos que o debate aqui na Assembleia é muito importante e necessário. Em outros tempos foi muito difícil o acesso das pessoas ao Plenário desta Casa. Hoje ele está liberado para que qualquer movimento e qualquer deputado possam utilizá-lo para realizar debates importantes como este.

Às vezes, é difícil e distante para a nossa população comparecer, mas pelo fato de estarmos presentes em toda Bahia, é importante que tenhamos em nossas mãos esse material para que chegue às pessoas que não podem vir para cá, mas estão lá aguardando a nossa orientação, o nosso trabalho e a nossa disposição de contribuir para o enriquecimento e o conhecimento das normas e legalidades, da qual precisam estar a par a cada dia.

Recentemente, um amigo que trabalha com cerâmica, nosso Manoel do Mocó, teve seu material apreendido. E ele não ficou penas na pena que recebeu, mas se preocupou em preparar um plano para que pudesse atender às exigências das normas do Ibama, continuar gerando emprego para as pessoas, mas também cuidar do ambiente de que ele não havia, até a presente data, percebido o valor.

É muito importante que, para cada sessão, tenhamos a oportunidade de levar ao nosso povo essas orientações.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero, agora, conceder a palavra ao Dr. Wanderley Matos, representante do Ingá.

O Sr. WANDERLEY MATOS:- Bom-dia a todos e a todas.

Quero cumprimentar a Mesa na pessoa da nossa querida deputada Fátima Nunes, quero também saudar a todos os representantes do governo e, a princípio, registrar aqui a importância da Polícia Ambiental na Bahia, que faz um trabalho maravilhoso, do qual somos parceiros e testemunhas.

Nós estamos representando o Ingá e trago aqui, deputada, o abraço do nosso secretário do Meio Ambiente, Eugênio Spengler, que, infelizmente, por conta de reunião, a primeira dele como secretário, não pôde vir. Pediu que eu transmitisse um abraço carinhoso a todos e disse que está à disposição e, em outra oportunidade, estará aqui na Assembleia.

Falar da água hoje é de uma importância muito grande. Esta sessão registra a passagem do Dia Mundial da Água e ficamos felizes, preocupados, por um lado, mas felizes. Digo isso porque, no começo da manhã passei no Ingá, e lá temos o Centro de Meteorologia da Bahia, esta foi uma semana muito tensa porque os nossos meteorologistas já haviam detectado com o INPE essa nuvem de chuva que chegava em todo o Estado da Bahia.

Presenciamos momentos difíceis nesses dois dias; os nossos meteorologistas estão informando que já saímos da fase pior; hoje ainda teremos pontos de chuva mas não com tamanha intensidade; amanhã bem menos, já dispersando.

Isso eu chamo de notícia boa, mas há o outro lado da moeda de que às vezes nós falamos. A nossa deputada Fátima saberá do que eu estou falando. Quando temos uma nuvem de água como a que está se derramando na Bahia, causa problemas na cidade grande, não só em Salvador como em Feira de Santana também. Mas temos todo o Semiárido aplaudindo a chuva que está caindo. São coisas contraditórias.

Mas por que existe isso, felicidade de um lado e infelicidade do outro? Nós, que nascemos no Semiárido, ficamos pensando: A moça da televisão diz “mau tempo em Salvador.” Mau tempo significa que vai chover, mas, para nós, quando vai chover é bom tempo, porque nos acostumamos a conviver com a seca e a viver quase sem água; vivemos numa região semi-árida.

Mais uma vez digo da felicidade que temos que é exatamente essa ação maravilhosa do governo Wagner. O programa “Água para Todos” tem sido de uma importância muito grande, e eu digo, inclusive para as pessoas da capital, porque tem no seu bojo o objetivo de atender a zona metropolitana e o Semiárido baiano.

Até por isso que dizemos “já chegou em praticamente todo o Estado, faltam alguns municípios”. Mas por que não chegou nesses? Porque a prioridade é levar água para quem mais precisa. E nós temos uma área todinha do Semiárido que cobre o nosso Estado e tem essa necessidade. Graças a Deus, estamos saindo de um patamar que vai de 26% da população até então atendida para um patamar de 60%. Estamos dobrando o atendimento de água potável para a

Isso é uma coisa fantástica se considerarmos o curto espaço de tempo, são 3 anos de trabalho. Esses dados são fantásticos, e neste Dia da Água temos que comemorar isso, porque não é fácil. Somente um governador que tem compromisso com o povo, principalmente com o povo mais humilde do nosso Estado, pode fazer um trabalho como esse, que tem características das quais às vezes não falamos.

O programa não é apenas o Água para Todos, ele é o “Programa Água para Todos e Água para Sempre”. Quero, inclusive, ressaltar esse ponto. O que é água para sempre?

Não adianta perfurar um poço num determinado local para fornecer água para uma família, ou construir um mecanismo qualquer que leve a água, porque daqui a 6 meses, 8 meses ou 1 ano não haverá mais água, ou, talvez, algum tempo depois ela esteja contaminada e não sirva para o abastecimento.

O Programa Água para Todos tem uma componente ambiental, que é basicamente tocada pelo Ingá, pelo IMA e pela Embasa, que tem muita importância nisso. Essa componente tem dado resultados fantásticos. Por exemplo, só para deixar claro para vocês, temos, hoje, em curso, apoiando o Programa Água Para Todos, o maior programa de monitoramento da qualidade das águas em execução no Brasil.

Por esse programa, a cada 3 meses, em todo o Estado da Bahia, que é grande, é feita a coleta de amostras de água, e dessa coleta são retiradas as informações básicas a respeito da qualidade da água. Para se ter uma ideia simples, deputada Fátima Nunes, temos, hoje, cerca de 5 milhões de substâncias que podem contaminar a água. É lógico que num programa como o que tocamos não poderíamos analisar 5 mil parâmetros diferentes, mas fazemos os parâmetros básicos.

Temos contribuído, inclusive, para as políticas do governo federal e do governo do Estado à medida que estamos levando o conhecimento, a ser utilizado nas políticas públicas, que a água de um rio que passa por determinado município apresenta uma qualidade ruim devido à quantidade de esgotos ou de agrotóxicos jogados nele.

Ficamos alegres quando passamos por Feira de Santana, por exemplo, ou melhor, por quase todas as médias e grandes cidades da Bahia, e vemos a implantação de obras de saneamento. Só é possível fazer essas obras quando há uma base de informações que dizem a importância disso.

Em Feira de Santana, recordo-me bem, trabalhamos muito para que aquela obra fosse iniciada, porque as águas da nascente vindas da Chapada Diamantina, formando o Rio Paraguaçu, chegam a Feira de Santana num grande volume. Essas águas vindas da Chapada formam o Lago de Pedra do Cavalo e trazem cerca de 60% da água que é consumida em Salvador.

Todas as vezes que um rio passa numa cidade ele é impactado pela quantidade de dejetos que são jogados nele. O ser humano é terrível! Tudo o que não presta e o que não serve mais para nós jogamos no rio. Sinto-me infeliz em dizer isso, mas são jogados desde o pneu velho do carro que não se quer mais, aquela geladeira velha que se descartou, e os dejetos humanos. Tudo vai para o rio!

Felizmente, através do nosso programa, conseguimos ver que a qualidade da água do rio está de boa a regular, quando se trata dos grandes rios, mas quando analisamos os pequenos afluentes, vemos que a qualidade está caindo. A quantidade de oxigênio dissolvido é cada vez menor, temos pequenos rios praticamente mortos porque o volume de água de cada rio não consegue absorver a carga poluente jogada nele.

É triste dizer que existem situações bastante preocupantes, mas também temos situações, como a que citei de Feira de Santana, em que as informações que o programa monitora serviram de base para que o governo instalasse ali um programa de saneamento que está mexendo com toda cidade, uma obra que passa por todas as ruas e que, em breve, vamos poder verificar que a água do Rio Paraguaçu melhorou de qualidade devido a retirada do esgoto, por exemplo, de uma grande cidade, como é

Feira de Santana. De uma grande cidade não, de todas as cidades, mas o impacto maior é onde tem mais gente.

Então, queria falar do nosso trabalho no INGÁ não só com a qualidade das águas, mas a gente também controla a quantidade das águas que tem nos nossos rios, fazemos vários programas que tem a ver com a qualidade e também está ligado ao Água para Todos. Nós acabamos de selecionar os projetos, fizemos uma chamada pública da recuperação de mata ciliar, recebemos mais de 70 projetos dos municípios e já lançamos esta semana uma lista dos municípios aprovados. Graças a Deus, ainda é pouco, mas os nossos gestores municipais estão também preocupados com suas nascentes e a gente começa aí um trabalho que acredito que vai ter bons resultados, nós vamos poder ampliar e ver nossas nascentes, que a cada dia vem sendo mais maltratadas, recuperadas, como as matas ciliares.

Nós também estamos executando, neste momento um projeto chamado Aguadas, que tem como base o Semiárido, onde a gente pretende recuperar uma quantidade imensa de aguadas e barreiros que estão sofrendo erosão e várias intervenções, inclusive dejetos humanos, e a gente começa a preparar um trabalho com as comunidades, onde cada comunidade, além de ter sua aguada recuperada, vai poder também se apoderar dela no sentido de cuidar. Este é um trabalho muito interessante, as comunidades vão ser capacitadas e aí sim poderão sentir a necessidade de cuidar de cada uma dessas aguadas. Temos a certeza, da forma que o projeto foi criado e da forma que está sendo gerido em parceria com a articulação do Semiárido, que ele vai ter bons resultados para nossa Bahia e para nossa população.

São tantas ações que estamos tocando, estou citando estas, mas vem essa questão da outorga que acho que não podíamos deixar de falar nisso. Em todos os espaços que ocupo quero falar da necessidade das pessoas terem consciência da outorga, porque a coisa funciona mais ou menos assim: o INGÁ é o gestor das águas, e quando a gente está gerindo os recursos hídricos, estamos gerindo a água na natureza. Então, veja bem, o Rio Paraguaçu corta a Bahia, estou citando o Paraguaçu porque é o maior rio baiano, ele nasce na Chapada Diamantina e desemboca no mar aqui na Bahia e é o principal rio que a Bahia tem. Estou falando nele pela força que tem naturalmente, além de abastecer em torno de 60% da comunidade de Salvador...

Eu me perdi um pouco, estava citando o Paraguaçu para dar um exemplo, mas o nosso trabalho tem tudo a ver com a gestão dos rios e com abertura para a comunidade, porque a gestão do INGÁ é compartilhada com a sociedade e tem tido uma ação fantástica nesses 3 anos, deputada, e estamos passando de um patamar de um Estado que tinha 6 comitês de bacia instalado, e nós do INGÁ mantivemos esses comitês melhorando a qualidade de como eles são formados, e estamos agora com 11 comitês, com a previsão de chegarmos ao final deste ano com 18 comitês no Estado da Bahia.

Isso significa trazer a população para gestão das águas. Tudo que acontece no rio que passa junto a minha casa tem a ver comigo. Eu sou gestor e vou participar do comitê de bacia orientando o Estado a dizer: o que vamos fazer com essas águas? Como vamos tratá-las? Esta tem sido uma ação muito importante do INGÁ e vejo aqui que tem muitas outras coisas que poderíamos falar, mas temos a questão do tempo, estou vendo que já são 12 horas, então vou me despedir de vocês, querendo que tenhamos uma próxima oportunidade para falarmos mais, para que cada um possa ser o seu

gestor.

Queria, para finalizar, dizer da importância que tem cada um de nós, como cidadão, de ter o cuidado ao ligar a torneira para tomar um banho, de usar exatamente a água que se precisa, sem extravagâncias. Eu fico às vezes pensando, porque a nossa população tem contribuído, feito o seu esforço, e sempre batemos na mesma tecla. Às vezes deixamos passar escondida a questão dos outros usuários.

O problema das águas não é exatamente o problema da economia que se precisa fazer em cada caso. Precisamos, sim, fazer economia de água, porque água tratada não é fácil. Mas nós temos uma situação em que o principal usuário da água é a agricultura. A situação de perda de água na irrigação é absurda. A agricultura consome 70% da água. E hoje nós, do INGÁ, trabalhamos isso com muito cuidado, inclusive, porque não podemos esquecer que é a agricultura, principalmente os pequenos agricultores, que levam a comida para a nossa mesa, mas precisamos trabalhar de forma tal que a água seja utilizada com eficiência, uma vez que para cada quilo de grão produzido, no sistema de irrigação, nós gastamos 1000 litros de água.

Há um detalhe que às vezes passa despercebido, nós exportamos grão, por consequência, estamos exportando água. Estamos fazendo uma transposição de água do Brasil para outros países em volumes exagerados. Essas questões nem sempre vêm à tona na discussão com a população e, às vezes, ficamos com aquela angústia de dizer: Ah! Estou em paz com o que estou fazendo. Mas o impacto é todo nosso, precisamos reduzir o consumo de água onde mais se gasta que é na agricultura.

O INGÁ tem feito um trabalho maravilhoso nisso, estamos agora com um sistema de obrigar os grandes usuários a ter um relógio para indicar o seu consumo. E, aí, toda vez que uma empresa chega ao INGÁ pedindo a outorga para retirar água de um rio, nós devemos ter o cuidado de medir a quantidade de água que tem, o que pode ser liberado para que o rio continue vivo e para não prejudicar os outros usos que estão naquela fonte.

Eu agradeço esta oportunidade e queria mais uma vez parabenizar esta Casa por esta sessão e me colocar à disposição para outros momentos possíveis.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Dr. Wanderlei, fica aqui o convite para que o senhor possa conosco também fazer outras audiências públicas por aí a fora, bem como outras sessões especiais, porque o conhecimento precisa chegar a muitos cidadãos, essa reflexão é muito importante.

Nós temos ainda para fazer uso da palavra a Dr^a Sônia Sant'Anna, representando o secretário de Ciência e Tecnologia, Dr. Feliciano Tavares Monteiro, e da plenária eu já observei que pelo menos uma pessoa levantou a mão com o desejo de falar. Estou certa, Renato? E Dona Detinha.

Antes de dar a palavra a Dr^a. Sônia, quero registrar a presença de Glauco Chalegre, representando o deputado federal Zezéu Ribeiro.

A Sr^a SÔNIA SANTANA:- Boa-tarde. Já estamos com o horário avançado, por isso não vou me alongar muito. Quero agradecer o convite e dizer que estou muito honrada de estar participando deste movimento. Estou aqui representando a Secretaria

de Ciência, Tecnologia e Inovação e falando em nome do secretário, Dr. Feliciano Tavares Monteiro, que me pediu que viesse trazer alguns informes a respeito da nossa Pasta.

Estamos atuando nesse setor de Ciência, Tecnologia e Inovação ligados, principalmente, à área de apoio à base científica nas universidades e com ações transversais ao lado de outras secretarias. E no que se refere à água, estamos atuando especialmente no setor de biotecnologia, no tratamento de águas, usando toda tecnologia disponível de nosso Estado para trazer água saudável para a população baiana.

Recentemente, criamos também um Grupo Técnico Gestor para Cooperação Internacional em Ciência, Tecnologia e Inovação, com o qual estamos fazendo articulações com grupos internacionais, como a Unido, a FAO e grupos da Universidade de Gent. Recentemente, mantivemos contato com um grupo do governo alemão, com a Universidade. E estamos finalizando o citado contato com a Unido. Visando o quê? Um intercâmbio, uma articulação entre os pesquisadores da Bahia e dessas organizações internacionais.

Não vamos ficar apenas na base acadêmica, temos também interesse, através dessa universidade alemã, de grupos ligados às comunidades agrícolas do Semiárido, que irão fazer o intercâmbio juntamente com essas instituições. Professores e pesquisadores de lá virão para cá com o intuito de realizar um treinamento para o grupo das nossas universidades e dessas comunidades. E representantes daqui também irão para lá fazer esse treinamento, essa capacitação.

Outro projeto também de grande valia da nossa Secretaria é o Parque Tecnológico, que está sendo construído na Paralela. Já foi feita toda a parte de infraestrutura, e estamos partindo para a construção do TecnoCentro. É importante ressaltar que esse prédio do TecnoCentro está sendo construído com o cuidado de preservar todo ecossistema daquela região para que a natureza não seja degradada. Também estamos em contato com as comunidades do entorno para fazer esse trabalho.

Em relação ao Semiárido, também dentro desse grupo GTI – Grupo Técnico-Gestor Internacional –, mas também através das universidades estaduais, da UFBA, a Univasf e outras, fizemos um levantamento dos grupos de pesquisa que estariam atuando na área de biotecnologia e energia no Semiárido. Fizemos um levantamento, uma filtragem, e chegamos a três grandes projetos. Vou ler aqui para vocês.

Projeto de produção através de questões do semiárido que seriam aracnídeos, aranhas, inclusive é um grupo da UEFS que estão envolvidos. Através desse biosistema poderemos obter produtos de grande valia para conseguir medicamentos na área de alimentação. Então, vai ser criado um banco de dados e vamos ter o apoio e estamos tentando conseguir fechar este apoio. A coisa está finalizando. Ainda não conseguimos assinar o contrato, ou melhor, termo de adesão.

Há outro projeto também deste mesmo programa que é produto obtido do solo do Semiárido através da metagenômica. O que é isso? É você obter produtos... Metagenoma é porque você pega uma amostra do mar e faz tipo um estudo do sequenciamento do DNA de tudo o que está ali para obter novos produtos e novas moléculas que serão potencializadas para obtenção de novos produtos para obtenção de fármacos.

E o terceiro projeto seria o projeto de bioinformática, porque todos esses projetos de biotecnologia precisam do apoio da bioinformática. Então, serão criados bancos de dados onde poderão ser negociados *royalties* para quem estiver interessada como alguma indústria, não é? Inclusive o parque tecnológico tem a parte também da implantação de indústrias interessadas em desenvolver essas inovações aqui no estado. Então, este terceiro projeto daria sustentação para que esses outros que eu falei anteriormente sejam realizados.

Eu agradeço a presença. Eu sou técnica do quadro permanente do estado. Eu sou especialista em políticas públicas e gestão governamental, sou concursada. Estou aqui na Bahia há mais de 20 anos e o meu primeiro emprego, aliás, fui colega aqui da professora Vivian, era o CRA, e agora é IMA, né? Então eu estou familiarizada com este tema de águas desde que eu cheguei aqui em Salvador. E a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação está aberta para qualquer grupo ou qualquer pessoa que queira nos visitar e conhecer os nossos projetos. Estamos lá para recebê-los.

Agradeço a todos. Muito obrigada. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Não se preocupem, pois nós já estamos quase encerrando. Temos só dois oradores, aliás, um orador e uma oradora.

Com a palavra o nosso companheiro Renato da Articulação do Semiárido – ASA.

O Sr. RENATO DA ASA:- É uma alegria grande poder estar aqui e poder usar da palavra e também socializar algumas coisas legais que acontecem no Semi-árido, porque muitos são sabedores que nós da Arcas, o Semi-árido aqui no Nordeste 2, estamos desenvolvendo muitas ações relacionadas a roça, criação, água, educação contextualizada, através da EFA, da Pastoral Rural, do Movimento de Luta pela Terra, e fazemos parte de uma rede grande que se chama ASA.

A gente se orgulha, através dessa rede, agora, de 23 a 26 de março, estávamos na Inconasa, em Juazeiro, onde celebramos os 10 anos da Articulação no Semi-árido. E podermos neste dia dizer, diante da Assembleia, a todo mundo aqui, que essa rede organizada no Semi-árido já é responsável por desenvolver tecnologias e armazenar 4,6 bilhões de litros de água. Não sei nem como são esses números, Neidson diz muito bem isso – e por ser reconhecida também por organizações internacionais como a melhor tecnologia para o Semi-árido nesses últimos 10 anos. Para as famílias que se encontram lá, realmente o Semi-árido é um lugar bem distante.

Eu queria dizer algo que já disse muito bem Roberto Malvesi, o Gogó, ele diz assim: “No pé da casa você faz a sua cisterna e guarda a água que o céu lhe enviou. É dom de Deus, é água limpa, é coisa linda. Todo idoso, o menino e a menina podem beber, é água pura e cristalina”. Ele continua dizendo: “Você ainda vai lembrar que a seca volta e vai lembrar do velho dito popular: é bem melhor se prevenir do que remediar. Zele os barreiros” – é o que o Ingá está fazendo aí, não é? -, “os açudes e as aguadas, não desperdice sequer uma gota d'água.” E, terminando, ele fala também dos passarinhos: “Você ainda vai lembrar dos passarinhos e dos bichinhos que precisam de beber. São dons de Deus, nossos amigos, os vizinhos e as vizinhas, fazendo isso honrará a São Francisco, Ibiapino e conselheiro. Colher a água, reter a água, guardar a água quando a chuva cai do céu; guardar em casa e também no chão e ter a água se vier a

precisão.”

Então essa é a mensagem que a gente deixa aqui neste dia especial em que a deputada do Semi-árido apoia e traz essa luta. Por isso que é importante, e aqui, Fátima, quero dizer também que este ano é um ano decisivo, apoiar e lutar também para que pessoas assim possam ocupar mais vezes esta Casa pensando no todo, no todo da ecologia, no todo também do desenvolvimento para o Semi-árido que traz reflexos para a cidade.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Obrigada, Renato, sua contribuição é importante, suas observações e reflexões também.

Agora vamos ouvir a companheira Detinha, para que a gente possa concluir a nossa sessão. Já são 12h30min e ainda temos um tempinho para um *coffebreak*. Como diz o ditado popular: saco vazio não para em pé. Então temos que servir aqui alguma coisa.

A Sr^a DETINHA:- Bom-dia para todos e todas!

Agradeço o convite da deputada Fátima Nunes, porque já faz uns dois anos ou mais que não participo de comissões, eu estava sentindo falta, mas enquanto não me convidam, eu também não venho. Com isso não quero fazer uma oração, mas apenas uma pergunta, parece que sou uma das mais velhas do que todos que estão aqui. Na cidade do Salvador, vou pegar lá a pontinha, os anos 70, em 69, quando foi construído este templo aqui os mananciais de água doce foram todos enterrados para se construir muitas secretarias dessas que existem aqui.

A nossa Paralela, onde tínhamos as lagoas azuis, a chuva poderia vir a qualquer hora do dia ou da noite, elas não mudavam de cor, eram azuis cristalinas. Todos foram enterrados para os grandes empresários construírem suas grandes empresas, em cima do manancial de água.

A mãe natureza reclama. Por que ela reclama? Vem a voz de Deus, que é o trovão e os ventos, e vem a chuva de imediato dizer: “Eu não mandei você construir aí!” Aí eu pergunto: aonde vai o esgoto de sua casa? Temos aqui, por exemplo, o médio Jaguaribe e o Camurujipe que hoje são rios de água negra. E eles esgotam onde? Esgotam aqui em Piatã. Digo isso porque sou uma liderança comunitária da Paralela e adjacências que visita todo esse território. Fui candidata em três mandatos como vereadora desta cidade e também tenho por obrigação conhecer todos os pontos desta cidade para mostrar onde estão os erros e os acertos. Por isso estou dando essa contribuição, porque muitos de vocês tenho certeza de que não conhecem, mesmo a fiscalização não conhece... Perdemos toda nossa Av. Paralela.

Aqui em frente também estão construindo o Shopping Bela Vista. Quem já não ouviu falar? É uma grande propaganda. Onde tinha um grande manancial de água, foi enterrado, morro foi destruído e as árvores, passarinhos, macacos e outros animais todos estão sem se alimentar nem sequer beber uma gota d’ água.

Há 20 anos, eu falava com Moreira – ele trabalha na Embasa e me disse “Dona Detinha, daqui há 20 anos não vamos ter água” – : enquanto existir Deus, Urubu não

come capim. Quem manda água é do alto. Da terra não brota. Deus manda e a água corre. Precisa que o homem preserve a água e pare de jogar seus dejetos nos rios. Preserve a natureza que eu tenho certeza de que tem muita terra para se fazer casa, moradia, rede de esgoto, sem precisar atingir a natureza. Mas cada um mostra sua parte melhor da vida: aqui está a rodoviária, aqui está o aeroporto, a orla, a Paralela... Vamos pegar essa parte aqui... É para milionário, para chamar... Então, não pensam na mãe natureza. Não pensam no canto das aves, aves que cantam de manhã para nos acordar. Não pensam nos micos, em todos os animais, nos barbeiros que, não tendo onde se alimentar, entram nas casas para jogar a doença de chagas. Tudo isso culpa das grandes empresas e do interesse comercial. E isso não é bom para a natureza. Por isso que as grandes cidades estão passando por problemas como estes que estamos passando, em Salvador, principalmente, derrubando as casas, os pobres não têm onde morar, vão morar em lugares errados porque também não tem fiscalização. Se houvesse uma política pública de habitação, fazia casa em lugar adequado, preservando a natureza, preservando as plantas, porque as plantas é que jogam oxigênio para vivermos.

A tuberculose voltou galopante, atacando nossa cidade e muita gente sabe disso. A epidemiologia sabe disso, mas não é divulgado, mas pode chegar na Câmara Municipal. Digo isso porque sou técnica em enfermagem e tenho conhecimento na área da saúde e sei onde estão batendo essas asas.

Então, um pouquinho de cada coisa para a gente jogar para os nossos deputados, que não têm tempo de estar nas comunidades, como Fátima Nunes, que é uma guerreira aqui nesta Casa – sempre que venho aqui estou ouvindo a voz dela, aqui no plenário. Então, é importante ter conhecimento. Muitas vezes é muito trabalho. O gabinete não tem condições de ter pessoas para visitar as comunidades, para trazer seus problemas para a Casa para serem discutidos aqui. Políticas públicas não se fazem com deputado sozinho nem com o gabinete, mas com toda a comunidade. A gestão... O governo é um bom governo, mas muitas vezes ele bota pessoas que não é bom para ele, pensa no seu próprio interesse e esquece de buscar o que está lá fora para trazer e se discutir para que a gente tenha conhecimento.

Eu vou falar um pouquinho do parque tecnológico (palmas) porque o parque que se está fazendo aqui... E esse, eu pergunto, para onde vão os dejetos? Ah, vão para tal lugar. Precisa saber que o médio Jaguaribe já morreu. Está aqui na Paralela onde estão jogando os dejetos dentro do rio e o rio já morreu. Ele deságua onde? Deságua aqui em Jaguaribe, aqui na praia de Piatã. Onde está toda a população chama-se a praia do Oi, todo mundo conhece todo mundo nessa praia. E ela está sendo contaminada com os dejetos que caem no rio e vão para a praia. E a gente diz: “Vamos para a praia”, mas em vez de encontrar uma água saudável, você vai entrar numa água contaminada por falta de fiscalização dos dejetos que caem no rio que deságua na praia.

Muito obrigada, não vou alongar-me mais. (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Dr^a Detinha, a senhora é a experiência, é a força. Fico muito feliz por a senhora ser parte desse nosso movimento.

O Jhones Bastos se empolgou, porque, sendo ele coordenador do MSTS, eu disse

que em breve vão ter as moradias e que precisam cuidar bem da água e do saneamento básico. Então, ele me pediu 2 minutos para fecharmos aqui. E a Dr^a Livia também pediu a palavra para complementar as informações da Sr^a Detinha.

Com a palavra o Sr. Jhones.

O Sr. Jhones Bastos:- Bom dia a todos. É com imenso prazer que a organização do Movimento Sem Teto saúda quem está presente. Na condição de presidente do Movimento Sem Teto da Bahia, acho que não deveríamos deixar de estarmos aqui, registrando o movimento, assim como também informar a importância que temos que dar a água. Sabemos que a escassez de água é muito grande por conta de as fontes de abastecimento estarem a mais de 200 quilômetros de distância da nossa cidade, e sabemos das dificuldades que encontramos.

É importante também ressaltar, a deputada, aqui, colocou, a questão dos futuros moradores, que aqui se encontram. Faremos uma grande manifestação no dia 14 aqui, nesta Casa, informando a toda a sociedade baiana, principalmente a de Salvador, sobre a questão da moradia.

E ao longo das 72 cidades em que o movimento está inserido, uma cidade muito importante que conseguimos adequar é Iguai. Queria chamar a atenção das entidades que militam com a questão da água, como o Ingá, a Cerb e outras entidades aqui presentes, sobre essa cidade, que tem 19 riachos, 19 cachoeiras, e uma delas está totalmente abandonada. Havia uma barragem ali, deputada. E eu vi uns mananciais dos quais jorram muita água. E essa água corre para um rio que está totalmente contaminado.

Aproveito, então, as presenças das entidades para chamar-lhes a atenção, para ver se a Cidade de Iguai recebe a presença de autoridades, para que a gente possa fazer um aproveitamento da água. Ali poderia ser construída uma grande barragem e teríamos um melhor aproveitamento, com uma barragem fornecendo água de qualidade para o nosso povo.

Acho que é muito importante registrar a presença aqui da vice-presidente do MSTS, de Ananio e de todo o grupo integrante do movimento. Acho que isso faz com que a gente se una para buscarmos melhor qualidade de vida para o povo baiano, e também para que as políticas públicas avancem, e que ajudemos a deputada Fátima Nunes a trabalhar, a militar, a organizar todo este Estado da Bahia. A presença do movimento foi muito importante e fundamental para que a gente possa contribuir para que isso cresça e que possamos produzir melhor. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra a Dr^a Livia, para dizer uma coisa importante, aqui, para nós.

A Sr^a Livia:- Só queria complementar. Nós fizemos esse trabalho sobre os rios de Salvador, eu quis apresentar ali, que resultou num livro com 154 páginas que foi lançado no dia 22 de março, tratando da realidade de todos os nossos rios, inclusive sobre onde nascem, para onde vão, e faz uma delimitação dos bairros pelos rios. Hoje, há a formação de outros bairros, eram localidades que se transformaram em bairros.

Esse livro é muito importante que vocês o conheçam. Seria interessante, deputada, que a Casa tivesse um exemplar desse livro, porque ali é feita a delimitação da população pelos rios, como estão esses rios, como estamos zelando dos nossos rios.

Então, vejam bem, como nasce o rio? O rio nasce límpido, cheio de vida. Nós

jogamos dejetos, esgoto nele e depois queremos fazer como fazemos com nossa Casa, limpar a Casa e mostrar que está tudo bem, escondemos o rio sujo, encapsulamos os nossos rios e é isso que está acontecendo, o rio está sujo e não assumimos que não temos capacidade e nem vontade de limpar esse rio e aí cobrimos, estamos matando e quando vem a chuva, vem a natureza ela transborda e tudo acontece de novo.

Então tenhamos muito cuidado com essas inovações, com essas alternativas que são temporárias.

Chamo vocês para a responsabilidade sobre isso, não queremos o encapsulamento dos rios, estamos matando os nossos rios e queremos que eles retornem a condição que era, limpos e saudáveis.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTE (Fátima Nunes):- Quero anunciar que vamos encerrar a nossa sessão e agradecer imensamente aos companheiros representantes das instituições que estiveram presentes conosco na Mesa, a todos que estão no Plenário e que fizeram uso da palavra, da alerta que fizeram e saudar também as nossas taquígrafas que registraram tudo que falamos para que possamos devolver também em forma de livros às nossas instituições, saudar a imprensa, aos companheiros que trabalham na TV Assembleia, onde um dos repórteres disse no início da sessão: deputada, este é um grande tema e portanto não poderia faltar ninguém desta cidade neste Plenário mas consideramos a importante a presença dos que chegaram até aqui e também sabemos que hoje foi um dia difícil, tanto para o nosso povo que mora em Salvador como para aqueles que moram mais distante, Feira de Santana, Nova Soure, em Paripiranga, muitos estavam convidados, todo o semi-árido do Nordeste II, mas confesso que os temas tratados aqui, os cuidados e as observações que foram feitas chegarão a todos que estavam convidados através do vídeo que sempre solicitamos à Assembleia Legislativa que nos fornece a cópia da sessão e também dos DVDs que foram apresentados, tanto pela Dr^a Livia como pelo INGÁ, para que possamos fazer chegar às comunidades.

E temos como cuidado, como meta de que realmente não devemos desperdiçar sequer uma gota d'água e acrescentar ao não desperdício a esses cuidados que a Dr^a Livia observou, essas recomendações que o Dr. Vanderlei observou, que o nosso coronel da polícia ambiental recomendou e nos preparar também para que a ciência e a tecnologia nos ajude a preservar mais.

Quando o nosso Renato fala sobre a ASA e da tecnologia que a ASA vem desenvolvendo, ele está lembrando aqui para nós do programa de um milhão de cisternas, que reserva 16 mil litros de água ao lado da casa e que eu que sou membro também da ASA digo que enquanto não tiver uma cisterna numa residência rural esse programa ainda não encerrou, queremos um milhão de cisternas.

Eu também estou percebendo e vocês também que viajam pelo interior, que com o Programa de Luz para Todos, o Programa de Água para Todos, muitas famílias que estavam aglomeradas nas cidades grandes e às vezes sem oportunidade trabalho estão voltando, retornando, por isso que o programa ainda não encerrou e portanto temos uma missão muito grande um trabalho muito grande a fazer para que as futuras gerações, para que a humanidade possa se ver livre das catástrofes que estão acontecendo mais recentemente, como dizia Raul Seixas e o colega que trabalha

comigo, o João Bosco lembra sempre, que Raul Seixas fez uma música que diz que o planeta quando se via muito apertado, “aperriado” fazia como um cachorro, dava um saculejo para se livrar das pulgas. Então, o Planeta Terra tem dado demonstrações, tem dado sinais, os saculejos, como um alerta, um sinal amarelo, no risco de ficar vermelho. Por mais que o governo traga para esta Casa propostas de lei, votamos a Lei dos Recursos Hídricos, o Plano de Gerenciamento de Recursos Hídricos, do qual fui relatora, e muitos outros projetos que vêm para esta Casa, eles não terão sentido se a sociedade não se responsabilizar e não intercalar as ações de governo e as da sociedade civil.

Portanto, eu acredito que esse é o maior chamamento da importância deste dia que levamos para Casa, a mensagem: a água é responsabilidade de todos nós. Queremos água limpa para que tenhamos um mundo saudável e com vida longa e digna para todos.

Muito obrigada a todos e a todas, às autoridades presentes, aos movimentos sociais, ao Zé Paulo, do Sindicato do Planeta Água de Dias D’Ávila, e continue com os cuidados coma Barragem de Santa Helena, e assim vamos lutando muito para que a nossa vida seja cada vez melhor, sobretudo a das pessoas que mais precisam e que, ao longo dos anos, ficaram de fora do processo de desenvolvimento.

Às vezes, olhamos para a Paralela tão cheia de prédios e, do outro lado, encontramos pessoas no último grotão, ali atrás do Incra, ou em outras localidades desta cidade, e nós, que somos humanos, ficamos imaginando como uma pessoa consegue viver ali. E pensar no meio ambiente é pensar também nas pessoas e na sua condição de vida, por isso, nos empenhamos diariamente para estar nesta Casa, nas secretarias e em outros órgãos do governo, cobrando e exigindo ações públicas que melhorem, cada vez mais, a vida das pessoas.

Muito obrigada a todos, uma boa tarde.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*